

ENTRE EXCESSOS E AUSÊNCIAS: PRÁTICAS CULTURAIS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Renata Nayara Ribeiro
UFF

renataribeirobr@hotmail.com

RESUMO: Buscamos neste artigo apresentar os resultados da pesquisa de mestrado realizada com o objetivo de entender as práticas culturais de professores que atuam em cursos de pedagogia em universidades públicas e privadas de Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil, a fim de compreender em que medida a vida profissional destes professores estão associadas as suas práticas culturais. Acreditamos ser importante saber dessa realidade porque ainda sabemos pouco a respeito das práticas culturais dos professores formadores. Sabemos que, sobre o ensino superior, de maneira geral, os estudos versam sobre as mais diversas temáticas, desde a formação até o financiamento; no entanto, sobre as práticas culturais dos professores do ensino superior, nos deparamos com uma verdadeira lacuna. Mediante a vasta possibilidade de entender práticas culturais, optamos por uma abordagem que viabilize uma noção ampla de cultura e que, portanto, contemple toda a complexidade das práticas culturais tendo em vista uma ruptura com uma visão hierarquizada das práticas culturais, assim como a passividade do “receptor”. Para tanto nos ateremos nos estudos mais recentes da História Cultural, em especial os da Historiografia Francesa dentre os quais Chartier, Certeau e Bourdieu. A pesquisa foi realizada em duas universidades da cidade de Belo Horizonte, sendo uma particular e uma pública, a fim de se ter uma amostra que contemple professores que atuam nos cursos de pedagogia com diferentes condições de trabalho, o que nos possibilita verificar possíveis diferenças existentes nas práticas culturais desses professores. Foram aplicados questionários auto aplicativos a todos os professores que atuam nos cursos de pedagogia das duas universidades investigadas. A coleta, levantamento e análise dos dados ocorreram no período de agosto a outubro de 2013. A partir da categorização e análise dos dados tivemos acesso a um panorama das práticas culturais dos professores universitários, que por sua vez, demonstraram uma complexidade em suas práticas. Em geral os professores parecem ter uma relação diferenciada com o tempo, realizam um variado número de práticas apesar de terem uma carga horária significativa dedicada ao trabalho. Percebemos que os sujeitos

1

investigados, por diversas razões, tem preferência pelo espaço doméstico e ainda que as condições de existência que esses docentes estão expostos influenciam nas práticas culturais destes. Verificamos variações das práticas culturais mediante aspectos geracionais e outros aspectos influenciadores, dentre os quais: situação financeira, social, geográfica, familiar, profissional, questões físicas e pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Professor universitário; Práticas culturais; Ensino superior.

Neste trabalho, buscamos analisar as práticas culturais de professores universitários que atuam em cursos de pedagogia em duas instituições de Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil a fim de compreender como os professores se relacionam com suas práticas culturais.

Como se sabe, atualmente, têm crescido os debates acerca da importância das experiências estéticas para uma formação ampla dos sujeitos, com um repertório variado, assim como uma formação ética e estética que promova a ampliação dos referenciais e da visão de mundo¹.

Sabemos que as condições de trabalho e até o perfil do professor universitário têm mudado. Comumente, as práticas culturais no Ensino Superior são relacionadas à erudição, no entanto, conforme pesquisas indicam e inclusive os dados do presente estudo, o professor universitário mudou. No curso de pedagogia, muitos professores saíram da Educação Básica para o Ensino Superior e trazem experiências para além da acadêmica. Portanto, as relações que estes estabelecem com suas práticas culturais possivelmente também são outras, objetivamos identificar neste estudo quais são.

Queremos investigar essa realidade porque ainda compreendemos pouco a respeito das práticas culturais dos professores formadores.

Práticas culturais: as tessituras de uma noção

A princípio, consideramos importante situarmos as práticas culturais, uma vez que estas se inserem nos objetos estudados pela História Cultural, que apesar de serem muitos, podem ser partilhados em cinco eixos fundamentais, de acordo com Barros (2003), sendo eles: objetos culturais, sujeitos, práticas, processos e padrões.

¹VerLoponte (2010), Suanno (2009), Trierweiller (2009).

Mediante a vasta possibilidade de entender práticas culturais, optamos por uma abordagem que viabilize uma noção ampla de cultura, e que, portanto, contemple toda a complexidade das práticas culturais, tendo em vista uma ruptura com uma visão hierarquizada das práticas culturais, assim como a passividade do “receptor”.

Para tanto, nos ateremos nos estudos mais recentes da História Cultural (Nova História Cultural), em especial os da Historiografia Francesa, dentre os quais privilegiamos Chartier, Certeau e Bourdieu. Entendemos que cada um desses autores nos traz potencialidades nos estudos das práticas culturais no sentido da abordagem que aqui se deseja adotar.

Bourdieu (1998) nos apresenta uma abordagem de práticas culturais baseada na existência de critérios de classificação e hierarquização dos bens simbólicos produzidos, o que resultaria em uma categorização cultural e reforçaria as divisões sociais. O desenvolvimento da sociologia das práticas de cultura de Bourdieu, conforme nos esclarece Setton (2010), é inspirada no campo da Sociologia da Educação, assim como em autores clássicos como Émile Durkheim e Max Weber.

Para Bourdieu (2008), são práticas culturais os comportamentos cotidianos, os modos de ser e fazer. Tais aspectos ficam explícitos em sua obra *A distinção: crítica social do julgamento*, em que apresenta uma síntese de pesquisas realizadas ao longo dos anos 1970, nas quais são analisadas desde práticas corriqueiras da população francesa como o vestuário, alimentação e decoração doméstica até práticas ligadas à arte, lazer e esportes.

Além disso, para Bourdieu (1998), as práticas e as preferências culturais possuem uma estreita relação com o grau de instrução. Este, por sua vez, é avaliado pelo diploma escolar ou pela quantidade de anos de estudo. Uma obra de arte só poderia ter sentido quando seu admirador possui o “código” para decodificá-la, ou seja, todo um aparato cognitivo e cultural previamente conquistado para identificá-la e interpretá-la.

A partir da teoria do pesquisador francês, as práticas não podem ser consideradas uma reação mecânica, mas, sim, um produto da relação entre *habitus* e uma determinada situação conjuntural. É importante ressaltar que existe a possibilidade de novas práticas serem incorporadas ao *habitus* inicial.

A estrutura social hierarquizada, segundo Bourdieu (1998), é marcada por diferentes posições dos grupos, de acordo com os recursos de cada um. Esses recursos

seriam capital econômico (renda, salários, imóveis); capital social (rede de relações sociais que podem ser revertidas em capital); capital simbólico (prestígio, honra); e o capital cultural, que pode ser definido como um conjunto de estratégias, valores e disposições propiciados majoritariamente pela família e escola, fatores estes que seriam facilitadores das práticas educativas destes sujeitos. Este tipo de capital pode existir de três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado.

Percebemos, portanto, que para Bourdieu o mundo social funciona como um sistema de relações de poder, ou seja, um espaço hierarquizado com um esquemasimbólico em que distinções do gosto se tornam a base do julgamento social. Neste sentido, os bens culturais possuem também uma economia, na qual a hierarquia socialmente reconhecida das artes corresponde à hierarquia social de seus consumidores (BOURDIEU, 2008).

Se Bourdieu nos traz contribuições para pensar na hierarquização das práticas, na dialética da classificação e desclassificação, assim como na complexidade da geração dos esquemas de apreciação (gosto), Michel de Certeau(1994) contribui para que pensemos nas práticas culturais para além das instâncias de produção cultural, chamando-nos a atenção para a vida cotidiana, os usos e os costumes.

Certeau(1994) aborda em seus estudos as “práticas comuns” de “homens ordinários”, nas palavras do próprio autor. Entende essas práticas como “artes de fazer” e demonstra que elas não são passivas e uniformes, pelo contrário, passam por um processo de reapropriação e ressignificação um tanto imprevisível e incontrolável, realizado a partir das “astúcias dos consumidores”. O que acaba por compor uma rede de “antidisciplina”, que por sua vez seria contrária ao controle social ou da “sociedade da disciplina”. Neste sentido, a “sociedade da indisciplina” seria composta por formas de resistir através de práticas ordinárias, de burlar as relações de poder cotidianas nas quais os corpos são determinados e delimitados. Portanto, o autor faz uma análise das práticas culturais cotidianas tendo em vista que estas são realizadas em um campo de inúmeras disputas. Assim, tais práticas são percebidas tencionando a não conformidade do homem comum, pelo contrário, este faria sua reinvenção através das “artes de fazer”, alterando objetos e códigos e estabelecendo assim uma reapropriação do espaço e do seu uso.

Nesse sentido, o autor demonstra a necessidade de se interessar não só pelos produtos culturais ofertados, mas pelas maneiras de “consumir” tais valores, ideias e demais produtos materiais e culturais. Podemos, portanto, compreender as práticas cotidianas como modos de ação, ou seja, como operações que são realizadas pelos indivíduos no processo de interação social, não sendo apenas o consumo de determinado produto cultural, mas a sua reconstrução. Diante disso, a leitura de um livro, por exemplo, não seria um consumo cultural passivo, mas uma “apropriação”, uma vez que, apesar da obra prescrever um sentido, a mesma é reconstruída pela leitura de acordo com as visões do leitor. Desse modo, existiria certa criatividade e inventividade nas práticas culturais mediante as apropriações realizadas, que por sua vez alterariam desde objetos utilitários e de arte até leis e símbolos, tradições e linguagem.

Chartier(1990), por sua vez, traz outra grande contribuição no entendimento das práticas culturais ao demonstrar a complementação entre estas e as representações. Neste sentido, objetos culturais e sujeitos produtores e receptores de cultura estariam imersos nessa relação interativa das práticas e representações que, de acordo com Barros(2005), poderia ser entendido pela correspondência “modos de fazer” e “modos de ver”.

Para Chartier (1990), no entanto, as representações do mundo social não são neutras, pelo contrário, são sempre fruto de interesses de quem as criam, conforme esclarece:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-las como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p.17).

Assim, para o autor, as representações estão inseridas num campo de concorrências e competições, havendo, portanto, uma “luta de representações”. Tais

lutas acabariam por gerar apropriações possíveis das representações tendo em vista interesses sociais e políticos.

Podemos perceber a complementariedade entre práticas culturais e representações proposta por Chartier (1990) a partir do exemplo da prática de assistir a um filme. Sabemos alguns dos processos de produção de um filme para os quais são mobilizadas variadas práticas culturais e também representações que, depois de prontas, continuarão esse processo de difusão de novas práticas e representações. No processo de produção, acontecem variadas práticas como a elaboração do roteiro, filmagem, montagem, edição, dentre outras. Em cada uma delas, a pessoa responsável coloca em cena suas ideias sobre o que é um filme, seu gênero, a temática abordada e tantas outras envolvidas nesse processo, podendo, inclusive, criar novas representações. O filme, depois de pronto, será responsável pela geração de outras tantas práticas, desde a forma como será visto até os resultados criativos que poderá engendrar, até mesmo sendo capaz de gerar uma série de representações sobre os temas que o atravessam. Percebemos, portanto, o quanto o processo das práticas culturais proposto por Chartier é complexo e cíclico, no qual práticas geram e são geradas por representações.

Por meio das contribuições dos autores supracitados, fica evidente a complexidade das práticas culturais. Pensar tais práticas nos faz ir além das instâncias oficiais de produção cultural, afinal, as práticas culturais de uma sociedade englobam também os modos de vida, as atitudes e as normas de convivência. Além de gerarem eventualmente produtos culturais no sentido literário e artístico, elas engendram também padrões de vida cotidiana (BARROS, 2003).

As práticas culturais se constituem não apenas no momento da produção de uma obra, texto ou outro objeto cultural, mas também no momento de sua recepção, que por sua vez envolve uma série de aspectos que não poderiam ser desconsiderados. Neste sentido, o estudo das práticas culturais, como nos demonstra Barbero(2009), implica o entendimento da emissão, da recepção e das mediações no processo comunicacional.

Tendo em vista que estamos entendendo as práticas culturais numa abordagem ampla, sendo também usos e costumes, apresentamos a seguinte classificação que utilizaremos para fins metodológicos e analíticos. Sabemos que, devido à sua complexidade e grande variedade, possivelmente não englobamos todas as práticas

culturais existentes, contudo, esforçamo-nos para abarcar o maior número possível de práticas.

Para a elaboração da classificação das práticas culturais, nos inspiramos na “grelha” proposta por Pinto(1994) e adaptada por Lopes(2000) para efeito de pesquisa. Nesta classificação, são cruzados dois critérios: “modos de relação com os bens culturais” e “espaços sociais de afirmação cultural”. Assim, são apresentados cinco espaços nos quais acontecem as práticas culturais, sendo eles: Espaço doméstico, Espaço público, Espaço semipúblico, Espaço associativo, Espaço semipúblico organizado e Espaço da cultura cultivada/sobrelegitimada.

Nestes espaços, são apresentadas as práticas subdivididas pelas relações que os praticantes estabelecem com as mesmas, por exemplo, práticas criativas, receptivas, associativas criativas, expressivas, participativas, de consumo ou fruição.

Esta classificação, além de considerar a posição do ator (emissor/receptor), leva em conta também o espaço das práticas (caseiras/exteriores ou público/privado).

Ressaltamos que, tendo em vista as peculiaridades dos contextos de realização da presente pesquisa, adaptamos a classificação devido às peculiaridades culturais do Brasil e do público a ser investigado. Esse aprimoramento se fez necessário ao levarmos em consideração estudos que nos esclarecem um pouco sobre os públicos da cultura no Brasil. Dentre eles, a recente divulgação da pesquisa feita pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) e a Fundação Perseu Abramo, por meio de 2400 entrevistas em 139 municípios, tendo como propósito produzir uma ampla investigação sobre os hábitos e práticas culturais do público brasileiro. A respeito dos resultados da investigação, destaca-se o pequeno leque de atividades culturais realizadas pelos respondentes, os quais: 89% nunca foram a um concerto de ópera ou música clássica em sala de espetáculo; 75% jamais presenciaram espetáculos de dança ou balé no teatro; 71% nunca estiveram em exposições de pintura, escultura e outras artes em museus ou outros locais; e, 70% nunca foram a uma exposição de fotografia.

Tendo em vista as realidades dos públicos da cultura no país, desenvolvemos uma nova “grelha”, considerando os contextos culturais locais e temporais, assim como nossas condições de oferta de diversos bens culturais, principalmente aqueles reconhecidos como eruditos. Além disso, as alterações nas classificações das práticas

foram realizadas levando em consideração os resultados preliminares da aplicação dos questionários.

Essa classificação foi utilizada tanto na elaboração dos instrumentos de coleta de dados (Questionário e roteiro de entrevista), como na análise e categorização dos dados.

Aspectos metodológicos

A investigação foi realizada em duas universidades, sendo uma privada e outra pública, a fim de se ter uma amostra que contemple professores que atuam nos cursos de Pedagogia com condições de trabalho diversas, o que nos possibilita verificar possíveis diferenças existentes nas práticas culturais desses professores.²

Tendo em vista a necessidade de preservação dos nomes das instituições investigadas, optamos por nomeá-las como universidade A e B. As duas universidades se localizam em Belo Horizonte, uma metrópole-capital do estado brasileiro de Minas Gerais, situada no sudeste do país, com 2.258.096 de habitantes (IBGE, 2010). A primeira instituição, denominada universidade A, é privada e possui um total de 63.528 estudantes, sendo 47.434 na graduação, 8.391 na especialização, 833 no mestrado, 267 no doutorado, 23 em curso sequencial e 6.580 distribuídos entre cursos de aperfeiçoamento e capacitação. Conta com 1.833 professores e 2.351 funcionários espalhados por suas unidades/*campi*, que ofertam 108 cursos de graduação, 19 de mestrado, 8 de doutorado e 319 cursos de especialização.³

A segunda universidade na qual foi realizada a investigação, denominada universidade B, é uma instituição pública estadual que oferta 51 cursos de graduação, possui um total de 9.439 alunos matriculados nos cursos de graduação, e conta com 811 professores, sendo 37% de especialistas, 42% de mestres, 11% de doutores e 10% de

² Conforme pesquisas já indicam, existem diferenças consideráveis com relação às condições de trabalho e ao perfil dos docentes que atuam em tais instituições. O Censo da Educação Superior de 2011 mostrou a existência de diferenças entre os profissionais atuantes em IES públicas e privadas. Quanto ao regime de trabalho, a maioria dos docentes de IES Públicas (81,1%) atua em funções docentes em tempo integral, já nas privadas há a prevalência de horistas (43,8%). As IES privadas possuem os docentes mais jovens (em média 34 anos) do que as públicas (em média 47 anos), sendo que nas últimas a escolaridade é mais elevada, possuem um número maior de doutores, ao contrário das privadas, que apresentam um número maior de mestres.

³Dados do site da instituição.

graduados. Além disso, oferta cursos de mestrado, doutorado e 19 de pós-graduação *lato sensu*.⁴

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa consistiu em traçar panorama das práticas culturais dos professores, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário on-line, autopreenchido pelos sujeitos investigados, elaborado especificamente para este fim. O questionário constitui-se de 60 perguntas, incluindo questões fechadas e abertas, procurou identificar o perfil dos professores, o tempo livre que dispõem, assim como suas práticas culturais.⁵

A coleta, levantamento e análise dos dados ocorreram no período de agosto a outubro de 2013, sendo os questionários enviados a todos os contatos de e-mails dos professores. No total, foram enviados 173 e-mails contendo a solicitação para a participação na pesquisa e o link com acesso ao questionário (o modelo utilizado nessa pesquisa foi o do Google docs⁶).

A amostra final é constituída pelo retorno de 60 questionários (34,6%), o que pode ser considerado um número razoável, uma vez que a média de devolução de questionários enviados, de acordo com Marconi e Lakatos (2005), é de 25%. Os dados foram tabulados; analisados em termos de frequência e cruzamentos entre as variantes; e, organizados em tabelas e gráficos através do programa de análise estatística Statistical Package for Social Sciences (IBM SPSS Statistics 20). As questões abertas foram estruturadas em categorias temáticas e transformadas em tabelas e gráficos para análise.

Caracterização pessoal e profissional dos professores

Os dados pessoais, socioeconômicos, de localização geográfica e de formação/situação de trabalho dos professores correspondem aos dois primeiros campos de investigação do questionário aplicado. Eles são importantes, pois evidenciam aspectos que determinam, direta ou indiretamente, as práticas culturais dos professores universitários.

⁴ Dados do site da instituição.

⁵ Os instrumentos da pesquisa foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa – COEP, em maio de 2013.

⁶ Ferramenta voltada para a escrita e edição online de questionários.

A análise destes primeiros campos dos questionários revelou que, dentre os professores pesquisados, a maioria (65%) é do sexo feminino. A faixa etária dos professores pesquisados se mostrou bastante variada, sendo que 35% têm entre 36 e 45 anos, 35% entre 46 e 60 anos, 15% mais de 60 anos, 12% entre 25 e 35 anos e 3% não responderam.

A maioria dos professores (67%) se declarou branca, seguido de parda (16%), preta (10%), amarela (2%) e 5% não declararam. Quanto ao estado civil, 62% são casados, 22% solteiros, 10% divorciados, 3% solteiros com namorado/a e 3% viúvo. Destes, 67% possuem filhos, dentre os quais, a maioria (49%) tem um filho, 28% dois filhos, 23% três filhos. A idade dos filhos se mostrou muito variada, no entanto, a maior parte possui filhos com mais de 18 anos. Contudo, percebemos que, dentre os professores que possuem filhos pequenos, esse aspecto se mostrou determinante em suas práticas, conforme indicam os comentários abaixo, nos quais fica claro o quanto suas práticas estão direcionadas a faixa etária de seus filhos:

Ultimamente, devido ao fato de ter que ficar com meu filho de 18 meses, frequento apenas praças e eventos destinados às crianças dessa faixa etária. Logo, todas as seguintes perguntas terão como respostas locais ou práticas relacionadas ao contexto infantil, pois possuo uma babá apenas para acompanhá-lo quando estou trabalhando (Professora, 39 anos, casada, mãe de uma criança de um ano. Questionário respondido em 24/08/13).

Gostaria de ir em ambientes com música de qualidade (MPB, jazz...). Não frequento principalmente devido à falta de condição financeira e também por não achar seguro deixar os filhos sozinhos em casa (Professora, 44 anos, casada, mãe de dois filhos, um de 9 e um de 15 anos. Questionário respondido em 24/08/13).

Gostaria de ir mais vezes à programação do Sesi Minas e do Palácio das Artes, principalmente as mostras de cinema; de ir mais vezes ao cinema do Usiminas e ao teatro. Muitas vezes, deixo de ir por não ter com quem deixar meu filho; em outras situações, eu tenho que ocupar o tempo livre com meu trabalho mesmo. (Professora, 33 anos, solteira, mãe de uma criança de 10 anos. Questionário respondido 28/08/13).

A maioria dos professores (32%) mora com esposo/companheiro, seguido por cônjuge e filhos (28%), apenas com os filhos (15%), sozinho (15%), com os pais (3%), irmãos (3%), outros parentes 2%, conjugue e outros parentes 2%.

No que se refere ao meio de transporte, a maioria dos professores utiliza com mais frequência o particular(40%), seguido de transporte particular e coletivo(33%), apenas coletivo (25%) e 2% não responderam.⁷

Quanto à titulação dos respondentes, 51% possuem Pós-graduação *Scripto Sensu*-Mestrado, 21% têm Pós-graduação *Scripto Sensu* – Doutorado, 18% com Pós-graduação *Lato Sensu* – Especialização, 8% possuem Pós-doutorado e 2% com graduação. Tais informações vão ao encontro das divulgadas pelo Censo da Educação Superior 2011, no qual se nota uma evolução no grau de formação dos docentes em exercício, uma vez que tem aumentado o número de docentes que possuem titulações de mestrado e doutorado, sendo que nas instituições públicas mais de 50% dos docentes são doutores, enquanto na rede privada 16,5% possuem título de doutorado.

Os professores possuem graduação em variadas áreas, como ilustrado no gráfico a seguir, e a maioria é graduada em Pedagogia, Filosofia, Ciências Sociais, Letras e História.

A maioria (73%) trabalha em instituições públicas, 15% em privadas e 12% nas duas instituições. Quanto à situação funcional nessas universidades, 55% são efetivos estáveis,⁸ 29% contratados, 5% efetivos em estágio probatório e 11% em outra situação funcional. A maioria dos professores atua em uma única disciplina(63%), sendo que 15% atuam em duas, 10% em três, 3% em quatro, 2% em cinco e 7% não responderam. Os professores ofertam tais disciplinas para uma turma (25%), duas (43%), três (22%), quatro (2%), cinco turmas (2%) e 6% não responderam.

Com relação ao tempo de atuação no Ensino Superior, 40% atuam entre 11 e 20 anos nesta área, seguido de 27% entre 6 e 10 anos, 13% entre 1 e 5 anos, 10% entre 21 e 30 anos e 10% entre 31 e 40 anos. No que concerne aos professores, 62% atuam exclusivamente no Ensino Superior e 3% não responderam. Dentre os que trabalham em outra atividade, a maioria atua na Educação Básica (45%), 40% em projetos ligados à educação e 15% em outra área profissional.

⁷Para formulação da questão, chamamos de transporte particular : carro, moto e bicicleta; e de transporte coletivo: ônibus, metrô, táxi e carona.

⁸No momento de aplicação dos questionários a Lei Complementar (LC) 100, que efetivou, em 2007, cerca de 98 mil servidores do estado de Minas Gerais ainda não havia sido vetada.

Quanto à renda pessoal mensal, a maioria(45%) recebe entre 4 e 8 salários⁹ mínimos, 30% de 8 a 14 salários, 10% de 18 a 20 salários, 10% até 4 salários, 3% de 14 a 18 salários e 2% não responderam. A maior parte dos que trabalham na rede privada (55,6%) recebe de 08 a 14 salários mínimos, seguidos de 33,3% que recebem de 18 a 20 salários. Já na rede pública a maioria (47,7%) recebe de 04 a 08 salários, seguidos de 29,5% de 08 a 14 salários e apenas 4,5% de 18 a 20 salários.

No que concerne à renda familiar mensal, 36% recebem 5 a 10 salários mínimos, 28% de 10 a 15 salários, 15% de 15 a 20 salários, 9% de 20 a 25 salários, 7% até 5 salários mínimos e 5% mais de 25 salários.

A maior parte dos professores (38%) trabalha mais de 12 horas diárias, 37% entre 9 e 12 horas por dia, 10% entre 5 e 8 horas, 3% até 4 horas e 12% não responderam. Com relação ao tempo diário dedicado ao trabalho, verificamos variações ligadas ao sexo e idade, sendo que a maioria das mulheres (41%) dedica mais de 12 horas diárias ao trabalho, enquanto a maior parte dos homens, (42,9%) trabalha de 9 a 12 horas por dia. Percebemos ainda que, dentre os professores que possuem entre 36 e 45 anos, a maioria (46,7%) trabalha mais de 12 horas diárias, ao passo que entre os demais, grande parte trabalha de 9 a 12 horas diárias, sendo: de 25 a 35 anos (42,9%), 46 a 60 (42,9%) e mais de 60 (44,4%).

O tempo livre dos professores universitários

De acordo com as respostas, o tempo livre dos professores investigados se concentra principalmente no final de semana (41,75%), seguido de parcialmente no final de semana (26,7%). Além disso, é possível perceber que os professores universitários possuem uma relação diferenciada com o tempo livre, tendo em vista que as respostas demonstram certa flexibilidade e variedade desses tempos. Isso, provavelmente, acontece devido à possibilidade dos professores se organizarem para fazer diversas atividades ligadas à docência no local e momento que lhes convém, tendo em vista que, diferente de outras profissões, muitas das atribuições do professor universitário, tais como aquelas relacionadas à pesquisa e à extensão, não precisam ser realizadas num local físico em um tempo pré-determinado.

⁹ No ano de realização da pesquisa, o salário mínimo era R\$ 724.

Em outro bloco do questionário foram elaboradas perguntas que nos apontassem o que os professores gostam de fazer no tempo livre e o que realmente têm feito, com o objetivo de perceber se os professores têm conseguido de fato realizar o que gostam. Com relação ao que mais gostam de fazer no tempo livre, eles responderam generosamente a questão, o que nos trouxe um grande número de práticas.

As respostas evidenciam que os professores têm preferência por práticas domésticas receptivas de consumo ou fruição (28%), em especial ler e ver filmes; seguido das práticas semi-públicas receptivas (22%), com destaque para ir ao cinema e teatro. Em seguida, vem práticas públicas expressivas de interação e sociabilidade (16%) e práticas domésticas expressivas de interação e sociabilidade (13%), entre as quais se destaca estar /receber amigos e familiares. Apenas 5% citam práticas domésticas de descanso e 1% práticas domésticas de rotina.

Pelo agrupamento geral desses dados, nota-se uma preferência pelo espaço doméstico (51%) nos momentos livres; em segundo lugar, do Espaço Semipúblico (31%); e, por último, o espaço público (18%).

Uma vez que essa questão era aberta, os respondentes fizeram comentários que nos chama a atenção para algumas angústias relacionadas ao que gostam de fazer e o que de fato têm feito, dentre eles:

(...) mas ultimamente prefiro comer e dormir. (Questionário respondido 25/08/13)

(...) línguas estrangeiras, se tivesse tempo. (Questionário respondido 01/09/13).

Tais aspectos ficam mais evidentes quando comparamos e analisamos as respostas anteriores àquelas relacionadas ao que os professores têm, de fato, feito no tempo livre.

A análise dos dados indicam que, dentre as práticas mais frequentes entre os sujeitos investigados, estão as domésticas receptivas, de consumo e/ou fruição (29%), as receptivas semi-públicas (15%), as domésticas expressivas de interação e sociabilidade (14%) e as públicas expressivas de interação e sociabilidade (12%).

Esses dados nos trazem algumas indagações: afinal, o que os professores universitários consideram como tempo livre? Seriam os dias, momentos em que não estão fisicamente em seus locais de trabalho? O fato de realizarem tarefas ligadas à profissão como estudar, planejar e corrigir trabalhos nas horas que consideram “livres”

significa que eles fazem tais tarefas por lazer ou que, na verdade, esses limites de tempo livre e tempo de trabalho não são muito bem delimitados?

É possível afirmar, ainda, que a maioria dos professores (61%) tem ficado no espaço doméstico nos momentos livres, 24% no espaço semipúblico e 15% no espaço público. Dado que demonstra que os professores têm ficado até mais do que gostariam no espaço doméstico. Os comentários abaixo nos dão algumas pistas para compreender tal situação, dentre elas, as dificuldades como excesso de trabalho, deslocamento e falta de tempo para realizar atividades fora do ambiente doméstico:

Ultimamente, eu tenho ocupado meu tempo livre com o trabalho (planejamento de aulas, revisão bibliográfica do projeto de pesquisa e algo assim. (Questionário respondido em 16/08/13).

Muito pouca coisa, visto que trabalho na cidade administrativa e só chego em casa bem tarde. (Questionário respondido em 26/08/13).

Pouca coisa, pois o tempo livre tem sido escasso. (Questionário respondido em 03/10/13).

Com relação ao trabalho doméstico, a maioria dos professores (38%) realiza-o diariamente, 33% semanalmente, 21% raramente, 5% mensalmente, 2% quinzenalmente e 2% nunca fazem. Dentre as mulheres, a maior parte (41%) o faz diariamente, e dentre os homens a maioria 42,95% realiza semanalmente. Dado que parece indicar a continuidade de uma divisão sexual de trabalho, na qual as tarefas domésticas e de cuidado com os filhos são direcionadas a elas, aspecto que possivelmente interfere/restringe o tempo livre das mulheres.

As práticas culturais de professores universitários

Durante a semana

Com o objetivo de esmiuçar as práticas culturais cotidianas dos professores investigados, realizamos perguntas abertas relacionadas aos locais que costumam frequentar. Inicialmente, perguntamos os lugares que costumam frequentar durante a semana.

Pelas respostas, a maioria dos professores (28%) durante a semana concentra suas atividades em práticas semipúblicas ligadas à profissão, seguido de práticas receptivas semipúblicas (21%), práticas semipúblicas expressivas (20%), práticas domésticas de descanso (10%) e práticas públicas expressivas de interação e

sociabilidade (9%). Assim, durante a semana, os professores focam suas práticas no espaço semipúblico (76%), depois aparecem o espaço doméstico (15%) e espaço semipúblico (9%).

Esses dados trazem reflexões acerca da variedade de práticas e espaços pelos quais os professores transitam durante a semana. Indicam-nos, ainda, algumas inquietações no que tange à compreensão dessa variedade, uma vez que a maioria dos professores (38%), como dito anteriormente, trabalha mais de 12 horas diárias, seguido de (37%) entre 9 e 12 horas por dia. Neste sentido, indaga-se: como eles conseguem realizar práticas tão variadas durante a semana? Teriam os professores uma estratégia de concentrar as atividades relacionadas ao trabalho em alguns dias específicos da semana e deixar outros mais “livres”? Seria esta uma das especificidades da organização dos tempos cotidianos nas vidas de professores universitários em comparação, por exemplo, com boa parte dos docentes da Educação Básica, que lecionam praticamente todos os dias da semana em algumas redes de ensino?

Essa é uma das várias questões suscitadas pelos dados e que, contudo, não temos condições de tecer análises aprofundadas a este respeito neste estudo.

Nos finais de semana

Com relação aos locais que os professores costumam frequentar nos finais de semana, a maioria se insere nas práticas receptivas semipúblicas (42%), principalmente cinema e teatro. Em seguida, práticas públicas expressivas de interação e sociabilidade (24%), com destaque para parques e praças, além de práticas domésticas expressivas de interação e sociabilidade (19%).

Pelos dados, apenas um professor afirma realizar práticas domésticas relacionadas à profissão, qual seja, estudar. Mais uma vez, os dados nos fazem tecer alguns questionamentos. Retomando os dados do tempo livre, apenas 41,75% dos professores afirmaram ter todo o final de semana livre. Neste sentido, podemos pensar em algumas possibilidades: os professores não apontaram em suas respostas as práticas relacionadas à profissão na questão sobre o fim de semana? Afinal, o que é um final de semana de tempo livre para os professores pesquisados?

Além disso, o espaço semipúblico é o mais frequentado no final de semana, com 58%, seguido do espaço público e doméstico, ambos com 21%. Sabendo pelas questões anteriores que os professores têm preferência pelo espaço doméstico, por que eles não se encontram nesse espaço no final de semana?

Nos feriados

Nos feriados, a maioria (31%) frequenta locais ligados às práticas públicas expressivas de interação e sociabilidade, sucedido das práticas receptivas semi-públicas receptivas (14%), práticas domésticas relacionadas à profissão (13%), práticas domésticas expressivas de interação e sociabilidade (11%), e práticas domésticas de descanso (10%). Portanto, nos feriados, os professores tendem a estar no espaço doméstico (43%), no público (31%) e no semipúblico (26%).

16

Nas férias

Nas férias, a maioria dos professores frequenta locais referentes a práticas públicas expressivas de interação e sociabilidade (62%), posteriormente aparecem as de práticas receptivas semi-públicas (11%), as práticas domésticas expressivas de interação e sociabilidade (7%), as práticas domésticas de descanso (6%), as práticas domésticas de rotina (5%), as práticas domésticas relacionadas à profissão (4%), as práticas receptivas de consumo e fruição (3%), as práticas semi-públicas associativas expressivas (1%) e as práticas semi-públicas expressivas (1%). Portanto, as práticas nas férias se concentram no espaço público (63%), doméstico (25%) e semipúblico (12%).

As práticas dos professores durante as férias demonstram que, mesmo neste período, alguns realizam tarefas referentes à profissão, principalmente estudar. Neste sentido, podemos indagar sobre o que leva estes professores universitários a, até durante de férias, realizar atividades ligadas à profissão? Seria por acúmulo de trabalho, por opção ou para complementar formação? Seria esta mais uma especificidade do trabalho docente no Ensino Superior?

Práticas não praticadas(desejadas)

Com o objetivo de descobrir os lugares que os professores gostariam de frequentar, mas não têm frequentado, formulamos uma questão para apurar quais são e o que impede os docentes de frequentá-los. Dentre as respostas, a maioria destes locais (71%) se concentra no espaço semipúblico; em segundo lugar, do espaço público 25%; e, por último, do espaço doméstico com apenas 4%.

Dentre as respostas, a maior parte (54%) concentra-se nas práticas receptivas semipúblicas, seguida de práticas públicas expressivas de interação e sociabilidade (22%), práticas semipúblicas expressivas (13%), práticas públicas receptivas de expressão (4%), práticas domésticas expressivas de interação e sociabilidade (3%), práticas públicas associativas criativas (2%), práticas semipúblicas associativas expressivas (1%) e práticas domésticas criativas (1%). Dentre as mais apontadas, destacam-se ir ao cinema (17%), ir ao teatro (16%) e viajar para o exterior (16%)

Dentre os motivos alegados por não estarem frequentando tais locais, sobressaem-se a falta de tempo (44%), de dinheiro (28%), de planejamento (8%), o conflito de horários, principalmente com relação às saídas noturnas (8%), os filhos (5%), a dificuldade de deslocamento (5%) e a falta de indicação (2%), conforme indica o gráfico abaixo:

Considerações finais

Este estudo se propôs a compreender as relações estabelecidas entre os professores universitários que atuam em cursos de Pedagogia e suas práticas culturais. Dentre os resultados alcançados, percebemos que os professores, em geral, apresentam diferentes relações com suas práticas culturais, sendo perceptível a importância de aspectos relacionados à profissão e a família.

Constatamos uma considerável “preferência” por práticas domésticas, dentre as quais percebemos fortes relações de socialização com amigos e familiares, práticas receptivas de consumo e fruição e ainda uma “invasão” de práticas ligadas à profissão, uma vez que os professores fazem do espaço doméstico um local de trabalho, que mistura o prazer de assistir a um filme, ler um jornal e descansar com corrigir provas, planejar aula e estudar.

Tal invasão se daria por diferentes fatores, como aspectos relacionados ao espaço físico da instituição na qual atuam, a flexibilidade (talvez natureza) dos tempos do professor do Ensino Superior e o grande número de atividades relacionadas à

docência universitária. Assim, podemos considerar que, além dos professores preferirem realizar práticas no ambiente doméstico pelo conforto e intimidade que este espaço oferece, principalmente, para quem tem filhos pequenos, percebemos ainda que a considerável concentração dos professores investigados nesse espaço se dá também pelo trabalho que é realizado nele. Notamos que alguns ficam mais do que gostariam neste espaço, sendo que, inclusive tentam, resistir. No entanto, muitas vezes, não conseguem por diversos fatores, dentre os quais: excesso de trabalho, deslocamento e falta de tempo para realizar atividades fora do ambiente doméstico.

Essas constatações nos revelam que mais do que a renda e a localização geográfica, o que interfere nas práticas culturais dos professores é o tempo livre e os usos que dele fazem, considerando a relações com os outros tempos de sua vida. Pela pesquisa, verificamos que grande parte dos professores investigados não consegue garantir esse tempo, uma vez que suas práticas docentes relacionadas à profissão, muitas vezes, adentram outros tempos e espaços da vida do professor.

Podemos concluir, portanto, que os professores analisados possuem o tempo muito preenchido. Tal situação parece se dar mediante os “excessos” das práticas dos professores relacionadas à família e ao trabalho. Percebemos, por outro lado, que esses excessos acabam por gerar algumas “ausências”, dentre as quais as de práticas ligadas ao descanso, em que os professores demonstraram sentir falta e, ainda, a ausência de práticas realizadas no espaço semipúblico, principalmente, referentes a saídas noturnas - muito restritas nas vidas dos professores. Notamos também uma “ausência” ainda mais significativa nos espaços públicos que, em geral, são frequentados durante as férias.

Enfim, através da realização da presente pesquisa, passamos a ter, mesmo que minimamente, acesso a importantes informações sobre o novo/atual docente do Ensino Superior. Estes, em geral, têm uma vida simples, de âmbito mais doméstico, gostam de trabalhar, principalmente em atividades relacionadas à organização didática de atividades e projetos, e apresentam um considerável esforço para conciliar o trabalho e a família, aspectos com os quais ocupam a maior parte de seu tempo. Entretanto, vale ressaltar que a pesquisa contou com um número reduzido de professores. A conclusão destainvestigação, portanto, suscita o aprofundamento a ser feito em investigações posteriores que tracem o perfil do professor universitário, considerando suas práticas culturais.

Referências:

BARROS, José D'Assunção. *História Cultural: um panorama teórico e historiográfico*. Textos de História, Brasília, v. 11, n.1/2, p. 145-171, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice &

CATANI, Afranio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. Tradução de Maria Manuela Galhardo. In: *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. São Paulo: Difel, 1990.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Inquietudes e experiências estéticas para a educação*. *Salto para o Futuro*, v. 7, p. 22-27, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SETTON, M. G. J. *Processos socializadores, práticas de cultura e legitimidade cultural*. *Estudos de Sociologia* (São Paulo), v. 1, p. 1-1, 2010.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. *Formação Cultural de professores: Conhecimento e Sentipensar*. IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE .III Encontro Sul

Brasileiro de Psicopedagoga, 2009. Disponível em:
<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3458_1871.pdf>. Acesso
em: 14 de junho de 12.

TRIERWEILLEE, P. C. As contrapalavras que movem a formação artístico-cultural dos
professores da infância. In: *32ª Reunião anual da anped - Sociedade, Cultura e
Educação: Novas Regulações, 2009*, Caxambu. 32ª Reunião Anual da Anped: GT24
Educação e Arte. VILA ISABEL - RIO DE JANEIRO: ANPED, 2009. v. 1. p. 1-15.